

Apresentação

Textos fundadores: emblemas, modelos, tecidos

O conceito de texto fundador literário surge, no contexto latino-americano, talvez pela primeira vez, numa antologia de textos de autores argentinos, *Los fundadores: antologia de textos de Schmidel, Miranda, Lizarraga, Barco Centenera, Diaz de Guzman, y Tejeda*. (Bs As: Centro Editor de America Latina), numa seleção de Bernardo Canal Feijoo, no ano de 1967. A estudiosa Doris Sommer amplia o conceito para tratar da literatura hispano e latino-americana toda, no livro *Foundational fictions: the national romances of Latin America*, publicado em 1991. Aplicado à produção literária de um continente, o estudo de Sommer distingue as características que marcam e aproximam as várias literaturas independentes, qualidades essas que contribuem a uma definição e projeção comum de identidade nacional, quer por um processo de formação história e étnica, quer por considerações de natureza e ambiente.

A questão de texto fundador tem como pano de fundo o conceito de cânone, aplicado a obras clássicas das literaturas europeias principais. Uma referência fundadora para o desenvolvimento do conceito na literatura comparada é a *Bibliothèque de la Pléiade*, criada em 1931 por Jacques Schiffrin, que além de textos clássicos em francês incluía obras de literatura mundial, sendo edições bilíngues de Shakespeare e Jane Austen. O estudo de Sommer desloca o conceito de cânone europeu para o novo mundo, aplicando-o a romances latino-americanos, dos quais o Brasil constitui apenas uma subcategoria, à base do indianismo de Alencar. Não deixa de ser um cânone alternativo, dando relevo a romances de entidades politicamente independentes, porém ainda ligados a línguas, tradições e terminologia europeias, até no conceito de “Amérique latine.”

Já no Brasil, no campo da literatura comparada, os ensaios de Tânia Franco Carvalhal e Eduardo Coutinho ficam entre os primeiros a fazer uma contribuição ao conceito no contexto da literatura brasileira.¹ Em 1994, coeditam a antologia de ensaios sobre metodologia comparada, *Literatura comparada:*

¹ CARVALHAL, Tania Franco. Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Niterói: Abralic, n. 1, p. 9-21, mar. 1991.

COUTINHO, Eduardo Faria. Do uno ao diverso: breve histórico crítico do comparatismo. In: *Revista Organon*, Porto Alegre: UFRGS, 10(24), p. 25-33, 1996.

textos fundadores, com ensaio introdutório. Propõem o estudo da literatura brasileira no contexto de outras literaturas, cientes de métodos emprestados das ciências sociais. A ênfase desses estudos é o estudo de fontes e do movimento de ideias que ligam as grandes correntes de expressão universal. Já no projeto coordenado pela profa. Zilá Bernd, da UFRGS em 2001, de um CD-ROM com 77 textos ensaísticos sobre as “três Américas”, o conceito de biblioteca de textos fundadores é aplicado ao “novo mundo” como um todo, constituindo um desafio e uma mudança de conceito do modelo francês. Ainda em 2014, a procura de textos fundadores continua no Brasil e aparece ligada a temas de nacionalismo, no livro de Roberto Acizelo de Souza, *Historiografia da literatura brasileira: textos fundadores (1825-1888)*.

Desde a perspectiva de 2017, é possível documentar a globalização do conceito de texto fundador, no qual as características nacionais ou regionais coexistem com correntes temáticos ou formais. Contribui para isso, certamente, o trânsito de reflexões variadas sobre o tema, que são facilitadas por meios de comunicação quase instantâneos. Há textos que podem ser considerados fundadores por diversos motivos, alguns dos quais especificados na descrição deste volume, abrangendo seu impacto em ambientes literários e culturais, nacionais ou internacionais; estilos de época ou períodos literários; obras que definem ou configuram a identidade nacional; poemas e narrativas vistos como seminais; e a reinterpretação, reapropriação, tradução, reificação e crítica dessas obras, em diferentes momentos históricos e por diferentes motivos.

Exemplificando o novo ambiente globalizado, há um panorama de títulos, que se estendem geograficamente desde Macau ao Haiti: *Macao: cultural interaction and literary representation*, de Katrine K Wong e C.X. George Wei (2014), *Reframing Latin America: a cultural theory reading of the nineteenth and twentieth centuries*, de Erik Ching, Christina Buckley e Angélica Lozano-Alonso; um estudo de filmes finlandeses, *Performative histories, foundational fictions: gender and sexuality in Niskavouri films* (2003); e *Modernity disavowed: Haiti and the cultures of slavery in the age of revolution*, de Sybelle Fischer (2004). Observe-se que o lugar reservado a conceitos fundadores nacionais tem sido substituído gradativamente por teorias gerais de crítica cultural, sem respeitar os valores tradicionais que determinam as literaturas nacionais, sejam fundadores ou não.

A revista *Gragoatá* apresenta aqui uma série de estudos que contribuem à evolução da produtividade literária e cultural do conceito de texto fundador, atestada pela diversidade da abordagem do tema. Alguns dos estudiosos reexaminam o conceito de ficção fundadora, alvo do estudo sobre a tendência nacional-descritiva na prosa do século XIX, de Eduardo Luis Araújo de Oliveira Batista; da construção literária do negro em *O Mulato*, tema de Juliana Fillies Testa Muñoz, ou da defesa da razão pela natureza na poesia de João Cabral de Melo Neto e de Carlos Drummond de Andrade, estudado por João Guilherme Dayrell. Duas atitudes evasivas, que representam uma recusa à literatura da parte de autores fundadores, são aquelas de Roland Barthes, que escolhe escrever sobre cores pálidas e chá fraco numa visita a China na época da revolução cultural, e de Fernando Pessoa, que segundo o estudo de Sandro Ornellas, evita a escrita literária diante da lógica do mercado.

A função de modelos se faz sentir nesses textos, ligando o texto fundador à tradição literária histórica. Já no século XVIII, Socorro de Fátima Pacífico Barbosa identifica a presença de uma fórmula editorial que inclui o autor, enquanto no primeiro romance de Machado de Assis, *Resurreição* (1872), Vagner Leite Rangel e Maria Cristina Cardoso Ribas encontram uma defesa do modelo alencariano de ficção. Referindo-se ao livro de emblemas de Andrea Alciato, *Emblematum liber* (1531), Lavínia Silveiras reconhece a influência da retórica e da poética correntes no teatro de Shakespeare. Rosângela Schardong estuda a presença de Cervantes nas obras de María de Zayas, enquanto Daniel Laks analisa o sentido heroico em Luandino Vieira. André Cardoso vê no *Leviatã* setecentista uma metáfora para a agregação de pessoas no corpo social; Miguel Ángel Zamorano identifica o arquétipo de Don Juan em diferentes tradições literárias; e Patricia Gisson de Santiago Lavelle avalia o papel do contador de histórias orais no mundo literário moderno. Já Miriam Viviana Gárate analisa a aproximação incomum entre o universo shakespeariano e o trabalho ensaístico desenvolvido por Juan Villoro.

A formação de qualquer cânone, mesmo de textos nacionais em oposição à história colonial, corre o risco de criar categorias rotineiras e artificiais, como no caso do cânone em Moçambique, estudado por Vanessa Riambau Pinheiro. Nesse estudo a autora opta por determinar a presença de uma pseudo-homogeneização.

O conceito de texto fundador, na sua aplicação a literaturas globais, precisa da flexibilidade suficiente para poder incluir técnicas experimentais, exemplificadas no estudo de Maria José Silva Morais Costa e Vera Lúcia Magalhães Bambirra por espaços de indefinição nas construções linguísticas de João Guimarães Rosa; na hibridização (zombificação) de Jane Austen estudada por Ivoneide Soares dos Santos de Jesus e Vinicius Carvalho Pereira em “Pride and Prejudice and Zombies”; ou da questão de origem folclórica na tradução de Puchkin no Brasil, tema estudado por Ekaterina Vólkova Américo.

Com a publicação do dossiê **Textos fundadores e sua produtividade literária e cultural**, a revista *Gragoatá* cumpre a tarefa de oferecer aos estudiosos dos mais diferentes níveis um relevante material de pesquisa. Ao mesmo tempo, os textos aqui selecionados funcionam também como um apelo incontornável à interlocução, móvel indispensável a todos que pretendem construir um conhecimento sólido, mas sempre em permanente processo de reelaboração. Em razão do contínuo desejo da interlocução, o leitor encontrará no presente volume múltiplas vozes que reivindicam – a partir de distintas orientações teóricas – seus espaços de reflexão e apresentação de teses sobre o tema proposto. Entretanto, é sempre bom lembrar, que os artigos que agora chegam ao público expressam pontos de vistas sobre o problema apresentado no dossiê. Dessa maneira, eles não se configuram como respostas definitivas, antes apresentam-se como um ótimo elenco de indagações em torno do assunto norteador das discussões. A presente coletânea de artigos busca ainda ilustrar a evolução e a produtividade literária do conceito de texto fundador um quarto de século depois do livro introdutório de Sommer, reexaminando o conceito de texto fundador no ambiente globalizado do século XXI.

A todos que, pelas mais diferentes razões, agora leem esta apresentação, damos as boas vindas, desejamos uma leitura frutífera e rica de inquietações intelectuais. Por fim, esperamos ainda que as provocações despertadas a partir da leitura do presente dossiê sejam companhias contínuas na arquitetura desse edifício chamado conhecimento.

Kenneth David Jackson – Yale University
André Dias – Universidade Federal Fluminense